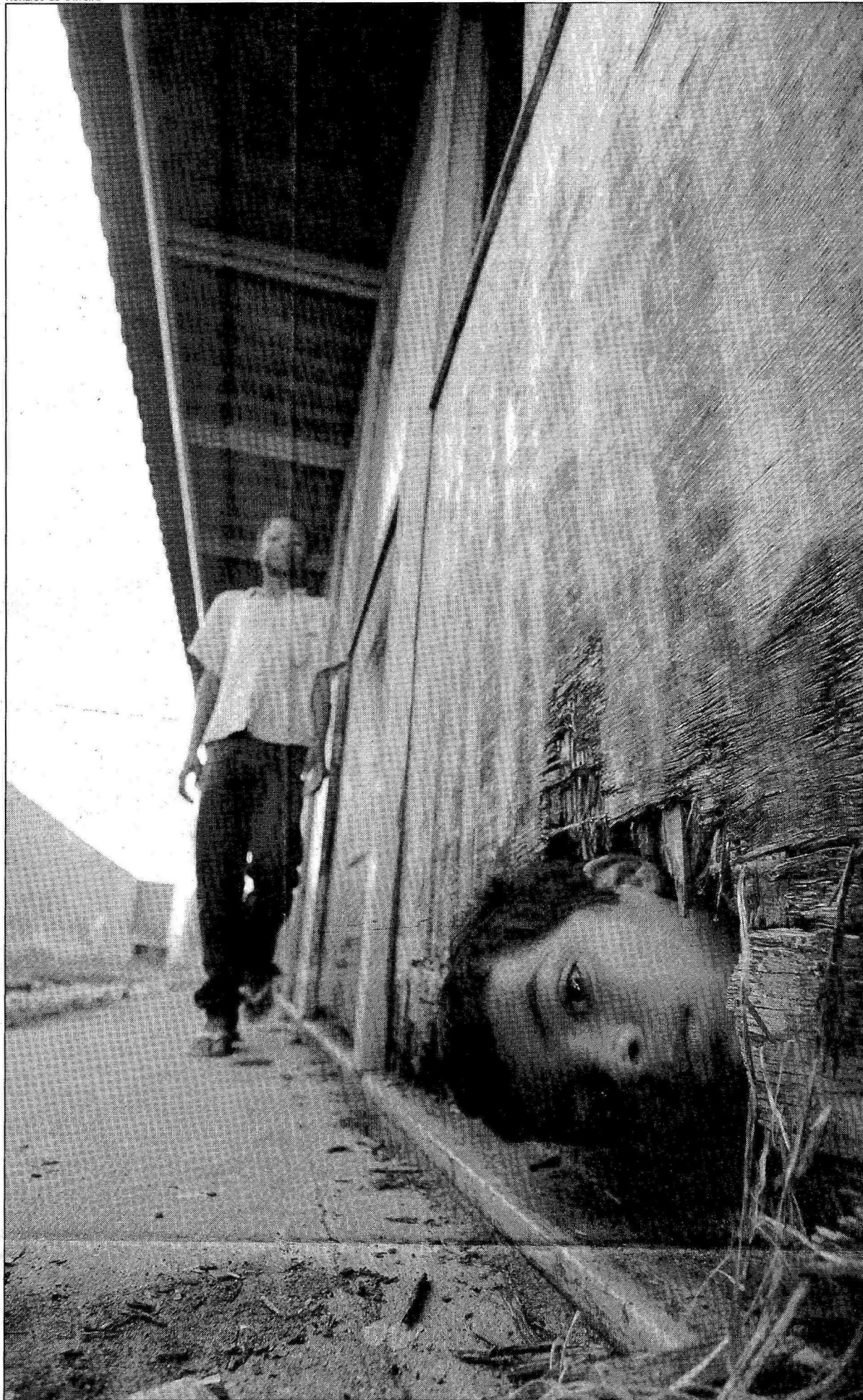


Sem lugar para as primeiras lições

Ronaldo de Oliveira



Diego Meireles, 8 anos, foi ontem à escola: "A tia disse que não sabe ainda. Vou pedir à minha mãe para ver isso"

Escola de Brazlândia, interditada sob risco de desabar, abre matrículas mas não se sabe onde crianças vão estudar

Newton Araújo Jr.
Da equipe do **Correio**

Quinhetas e sessenta crianças de 6 a 8 anos da Escola Classe 7 de Brazlândia podem ficar sem estudar este ano por falta de salas de aulas. A escola foi interditada pela Defesa Civil no último 22 de dezembro. Corria risco de desabar. Até ontem, não havia lugar escolhido para abrigar os alunos enquanto a escola estiver sendo reconstruída. Só hipóteses. Mas as matrículas serão iniciadas na próxima segunda-feira.

A área total da escola é de 2.400m². Os 1.331m² de área construída são em placas de amianto com a parte interna em madeira e vigas de ferro na estrutura de apoio. Hoje as vigas estão carcomidas pela ferrugem. Há inúmeros buracos nas paredes e a madeira está apodrecendo. Em muitas salas, os vidros das janelas estão quebrados.

Partes de ferro carcomido ameaçavam ferir as crianças. A caixa de esgoto do banheiro não suporta mais a tampa e fica permanentemente aberta. "As crianças já se acostumaram. Quando um deles ia fazer necessidades e dava descarga, os coleguinhas ficavam acompanhando o caminho que as fezes faziam pelo esgoto. Dava para ver da boca de esgoto aberta", conta a diretora Celsa Lúcia dos Santos Rabelo. Eleita diretamente, ela não foi atingida pelo decreto de exoneração dos cargos comissionados do novo governo.

"Quero saber onde a gente vai ter aula", reclama Diego Meireles, 8 anos, estudante da 2ª série. Ele esteve ontem na escola para checar se o lugar seria reaberto. "A tia disse que não sabe ainda. Vou pedir à minha mãe para vir aqui ver isso", diz o garoto, preocupado.

Há a possibilidade de mudarmos para um jardim de infância,

obra nova que está sendo terminada agora", especula Celsa Lúcia. Na Divisão Regional de Ensino (DRE) da cidade, a situação ainda não está definida. Estuda-se a possibilidade de levar parte da turma para o Caic ou construir uma escola emergencial.

A Escola Classe 7 foi construída em caráter provisório em 1990 para atender às crianças do assentamento Veredas, também implantado nessa época. "Mas a intenção era que depois fosse demolida e em seu lugar fosse construída a de alvenaria. Até hoje, nada", reclama a diretora.

Em setembro de 1997, a diretora

pediu providências para o setor de Engenharia da Fundação Educacional do DF (FEDF). A obra estava incluída no Orçamento Participativo de 1997 para reforma e ampliação. Para Celsa Lúcia, "não havia razão. Isso aqui não é caso de reforma. Mesmo

assim, nada ocorreu". Já nessa época, a Engenharia da FEDF aconselhava a interdição da escola.

Em março do ano passado, saiu uma verba de emergência e foi feito o projeto para a reconstrução da escola, orçado em R\$ 800 mil. Na época, a DRE informou que estava sendo feita a licitação para a obra e a mudança seria feita em 27 de outubro. Tudo encaixotado para a mudança, professores e funcionários descobrem que a licitação não fora realizada.

"Acho que o governo anterior pretendia fazer sem licitação. Só dá para entender dessa forma, afinal a verba já estava aprovada", desconfia a diretora Celsa. "Se a DRE sabia que não havia licitação, por que nos deu tanta esperança?", questiona Rosângela Carvalho, mãe da aluna Scarlett Cristine, 7 anos, e membro do Conselho Escolar da 7. "A nossa luta aqui é antiga para resolver isso." Pelo visto, terão de esperar um pouco mais.

"A INTENÇÃO ERA QUE DEPOIS FOSSE DEMOLIDA E EM SEU LUGAR FOSSE CONSTRUÍDA A DE ALVENARIA. ATÉ HOJE, NADA"

Celsa Lúcia Rabelo,
diretora